

25 de julho de 2022 nº 3

Tatuí, SP

jornal

BULI

 CONSERVATÓRIO DE TATUI





Sumário

- No frescor da hora** **3** **Pelas Frestas**
Tadeu Renato
- 6** **Os sentidos da falta de sentido**
Tadeu Renato
- Crônica do dia seguinte** **10** **Enquanto vida eu tiver**
Vanuly Veloso
- 11** **Meu querido FETESP**
Thawanny Lopes
- 13** **Carta para Rubra**
Lais Efstathiadis
- Ainda reverbera** **14** **Histórias, vivências e o canto de lara**
Andressa da Silva Lima
- Expediente** **15**

no frescor da hora

Pelas Frestas

Tadeu Renato

*apreciação do espetáculo Me contento em ser
poesia a partir do painel conduzido
pelo VQV - Lígia Helena de Almeida, Paulo
Gircys e Amanda Tavares Dias*



no frescor da hora

*Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.
A flor e a náusea – Carlos Drummond de Andrade*

Ao longo dos dias de FETESP 2022 há uma ação virtual, sempre às 13h, em que estudantes e professores(as) de teatro de todo o país compartilham suas experiências. Nas falas ocorridas até o momento, há em comum a dificuldade de fazer arte em cidades com pouca ou nenhuma política pública pensada para a cultura. É assim em Rondônia, é assim em Mauá, cidade da região metropolitana de São Paulo. É nesta cidade, em um contexto de oficinas de teatro, que surge o Coletivo Rubra, grupo responsável pela apresentação do espetáculo *Me contento em ser poesia*. Este trabalho estreou em novembro de 2021, fruto da criação das atrizes Mileny Vitória e Ana Laura Alvarez, responsáveis também pela direção e pelo texto. Aliás, é a partir da palavra que o processo criativo começou, com as duas relacionando criações individuais que dialogassem com o que desejavam expor: a busca por um território.

Colocada em paralelo aos espetáculos apresentados no Festival até este domingo - com discursos que são coletivos e, em alguns momentos, contundentes no que diz respeito às opressões - a peça do Coletivo Rubra pode soar ensimesmada, um olhar lírico que parece fora de hora na atual conjuntura. No entanto, notamos, através do texto de alta carga poética, um desejo de ultrapassar as concretudes imediatas da vida para se alcançar um fôlego possível, para romper o cimento de um mundo utilitarista. As criadoras dividem com o público a necessidade de abrir frestas no asfalto. Vindas de um contexto periférico, as duas apresentam outras sensibilidades possíveis sobre o território que habitam, equilibram a geografia do morro e a necessidade de notar as cores e flores. É um mundo desencantado, à medida que a economia se insere até em nossas construções subjetivas e relacionais. Quando em cena as atrizes se perguntam sobre onde estão, encontram-se em uma relação de estranhamento com um mundo que coloca o sonhar como mero produto de consumo.

no frescor da hora

Se é através da linguagem que significamos e somos significados; e se é a poesia a maneira com a qual a palavra pode alcançar maiores potências, então reinventar outros mundos possíveis passa também pela reinvenção da linguagem. Os textos do espetáculo são bem construídos, com aliteraões e assonâncias, imagens e ritmos que provocam uma experiência sensível para quem ouve. A palavra, matéria principal do trabalho, se revela na oralidade, na escrita da pele e do papel, no canto e no corpo em movimento.

A elaboração inventiva do texto, entretanto, perde parte de sua força quando algumas cenas e falas esbarram no drama - como quando pronunciam o texto de uma forma carregada, recorrendo a um tipo de teatralidade que parece não fazer sentido com a proposta. As atrizes contaram do processo de criação em que investigaram como as palavras reverberavam no corpo e disparavam determinados movimentos. Seria interessante também ver o processo contrário, deixar que o modo de emitir as palavras também se deixem levar pelo gestual, evitando uma musicalidade que por vezes se transforma em grito. Como seria falar em voz baixa? Que efeito teria não entendermos todas as palavras? Quais imagens criariam um texto gaguejado? O que aconteceria se, ao invés da relação frontal, a peça se deixasse vaziar em uma arena ou outras ocupações do território em que se apresenta? Creio que a continuidade da pesquisa do grupo só tem a intensificar a partilha da palavra poética como ela é, em sua origem: uma palavra de encantamento.

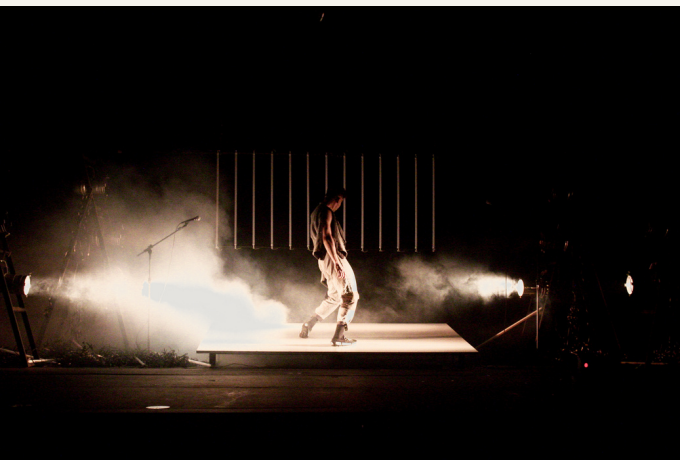
*Esse texto contou com a
colaboração da estudante Arielle Barbosa*

no frescor da hora

Os sentidos da falta de sentido

Tadeu Renato

*apreciação do espetáculo [u]ltimo.epizohdio]
a partir do painel conduzido
pelo VQV - Lígia Helena de Almeida, Paulo
Gircys e Amanda Tavares Dias*



no frescor da hora

A Companhia Adequada de Teatro surgiu em 2018, formada por estudantes de Artes Cênicas da Unicamp. As criações colaborativas do grupo têm por base o Teatro do Absurdo, termo atribuído pelo professor e jornalista Martins Esslin para reunir um grupo diverso de dramaturgos europeus, cujas obras surgidas na metade do século XX traziam em comum a ruptura com o naturalismo, expondo em cena a falta de sentido e as incertezas da vida. Nessa linha, a companhia criou o espetáculo *uhltimo.epizohdio*, terceiro trabalho do grupo e que foi apresentado no terceiro dia do FETESP 2022.

O filósofo e escritor franco-argelino Albert Camus (1913-1960) foi um conhecido pensador que publicou em 1941 o livro *O mito de Sísifo* – ensaio sobre o absurdo. Neste livro, Camus apresenta a ideia de Absurdo como o que define a vida humana. Qualquer sentido que possamos dar às nossas existências são, em última instância, criações nossas e, portanto, fictícias. A percepção racional de apreender a vida em um planeta remoto de uma galáxia qualquer – vidas que podem se esvaír em qualquer instante – como um acaso que poderia ou não acontecer, esvazia qualquer grandeza de sentidos para nossas ações. Se tudo não passa de uma criação humana (inclusive nossas ideias religiosas), então nada do que fazemos tem razão maior de ser. O absurdo seria a percepção da desarmonia entre nossas ações e os sentidos que damos a elas. Essas ideias de Camus surgem no mesmo contexto em que os primeiros dramaturgos escrevem suas peças absurdas: estão respondendo a uma realidade de guerra, onde parte da Europa está destruída, a razão como redentora deu lugar à carnificina, a linguagem desse trauma não é mais capaz de narrar uma trajetória. A arte e a filosofia estavam respondendo a esta concretude. Faço essa breve contextualização para citar o que me parece uma ideia fora do lugar do espetáculo deste domingo. O grupo se vale do estudo sobre esse teatro, mas apenas nas estruturas de construção textual que essas peças fazem, sem entender a qual conteúdo essa forma serve hoje, Brasil, 2022.

no frescor da hora

A peça se mostra um exercício formal sobre o absurdo, no entanto completamente esvaziada de contato com uma realidade que fomenta essas escolhas estéticas. É a forma pela forma, apenas uma casca que ainda carece entender qual o chão que pisa.

O grupo entende que este trabalho ainda está em processo e pode analisar melhor suas construções e os signos delas. Mesmo que queira expor a falta de sentido, cada elemento da cena é lido como signo e não pode ser abandonado. A impactante instalação de luzes, plataforma e microfones é apenas um emaranhado de equipamentos pouco aproveitados pela encenação. É perceptível as muitas linhas de estudos do grupo, porém ainda falta síntese, fazer opções entre tantas informações, sobre o risco de não se aprofundarem em nada. É o caso, por exemplo, do jogo que o ator estabelece em vários momentos com a plateia, uma cumplicidade que não chega a, de fato, se completar.

Uma variedade de quebras e comentários que pouco contribui ao esboço de enredo sobre um anti-herói. Se o desejo é criticar a ideia de heroísmo, de protagonismo individual, é possível que mais potente seria se o grupo optasse em apenas manter a figura de um corpo vigiado e preso, à mercê de uma produção de reality show que parece visar justamente a exposição de um perdedor. O excesso de linhas dramatúrgicas - corpo, luz, microfones, repetições, música - apenas simula uma apropriação de procedimentos comuns de certo tipo de teatro contemporâneo, mas não o faz nem de modo crítico/irônico, nem com uma verdade que responda ao que o grupo gostaria de colocar como conteúdo.

Em um Brasil do contexto atual, não seria difícil encontrar o fim trágico da existência em problemas muito mais coletivos do que um coco na cabeça.

no frescor da hora

Olhar para o próprio território pode dar a ver os disparates deste país. Nesse ato, talvez seja possível perceber como as palavras se esvaziam nos discursos, notar as violências contra tantos corpos e então, sim, colocar em fricção as formas pesquisadas. Isso tudo, a fim de realizar uma cena que dê conta de extrapolar e estranhar nossa realidade já tão absurda.

*Esse texto contou com a
colaboração da estudante Arielle Barbosa*

Enquanto vida eu tiver

Vanuly Veloso

3º ano de Artes Cênicas - Conservatório de Tatui

"Minhas raízes certeza rasgam a terra dançando desde que me fiz menina"

Então fui hoje de manhã para a oficina "O samba" ministrada pelo Professor Rener Oliveira. O samba é convidativo, ele chama e grita alto, reverbera por todo o corpo, não há quem reprima. Meu coração dançava o ritmo da roda, os pés no miudinho... A energia da roda é circular e tem um sorriso largo e amarelo, tem pés inteiros no chão arrastadinho... Tem saia rodada com estampa de flor e suor. A roda de samba tem tudo quanto há, cor e poesia, isso tem de mais. Dançada, cantada, o Samba é presente de gente feliz e agradecida às raízes.

"Amoras"

Uma luz amarela, quente, iluminava os poemas no meio da sala, elas foram poetas antes mesmo de serem palavras. "E eu notei logo o olhar da menina, entre amoras, as pretinhas são o melhor que há, doces".

Escutei vozes e entre elas a mais pulsante, não sei de onde veio, pra onde vai eu sei, vai comigo. A voz desenhou na minha mente o rosto enrugado, molhou meus olhos aquela voz do saber, anciã. E eu ansiei, por bença de vó preta!

"Deus te ajuda, Deus te ajuda e te livre do mal viu fia hahaha, sou uma mais não sou só."

Povoada - Sued Nunes

Meu querido FETESP

Thawanny Lopes

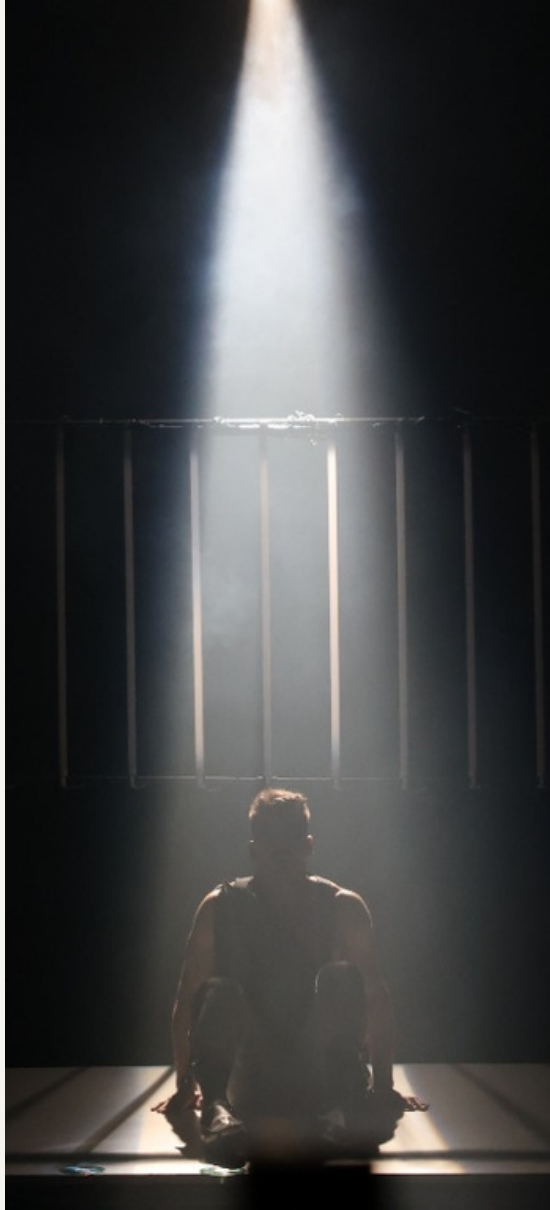
Centro Universitário Ítalo Brasileiro, SP

Querido diário, hoje o dia foi cheio de emoções! Na verdade, os últimos dias foram cheios de emoções. Mas, de fato, hoje foi um dia especial. A oficina Painel Mediação do Olhar me permitiu interagir com novas pessoas, experimentar um novo jogo teatral e também usar meus olhos para enxergar o que está exatamente aparecendo naquilo que estou apreciando.

Assistir à peça [uultimo.epizodio] me causou estranhamento, dúvidas e questionamentos. Até porque, quem é que pensaria em falar sobre uma época a mais de 100 anos à frente do ano em que estamos? Mas a maior verdade é: ninguém nunca descobriu a sensação de morte, né?

Tudo bem, eu sei que esse assunto pode estar confuso. No entanto, a parte que mais aqueceu meu coração no dia de hoje foi assistir ao espetáculo Me Contento em Ser Poesia. Sim, foi espetacular, acolhedor, aconchegante, colorido, com dor, saudade, amor.

Que dia! Mais um dia que conheço novas pessoas e aceito viver novas experiências. Espero viver mais dias assim!



crônica do dia seguinte

Carta para Rubra

Laís Efstathiadis

*Cia Paralenda
ELT - Escola Livre de Teatro de Santo André*

Quanto tempo dura uma vida?
Ficamos tanto tempo querendo sair
ou quando saímos, saímos pela poesia
em palavra, corpo e canção. A necessidade da
fuga.

Quando diz: sou uma mas não sou só
te entendo,
há algum tempo também deixei de ser poeta.

Quantas poetas não morreram para sustentar
outras poetas?

Para amamentar outras poetas?

A necessidade em se falar de amor, quando o que
quero é extravasar toda a bosta.

De Mauá para Mauá, de poeta para poeta,
uma mão manchada às vezes diz mais do que
palavras, mas
uma mão que levanta a outra também.

ainda reverbera

Histórias, vivências e o canto de lara

Andressa da Silva Lima

1º ano de Artes Cênicas - Conservatório de Tatuí

Hoje [23/07] acompanhei a Cia. Paralenda até a apresentação. O Canto de lara aconteceu na Praça da Santa em Tatuí. Foi linda a maneira como fomos envolvidos por elas, por lara e seu canto. Thais, Lais e Dagliane nos presentearam com informações importantes e históricas, tanto da região da Amazônia, quanto dos povos que resistem e suas lutas. Lutas que atravessam nossas vidas, pautas necessárias para os dias de hoje e sempre. Elas encontraram um cantinho onde todo mundo tem lugar, histórias e vivências. São histórias que reverberam em lendas e tradições. Ancestralidades que foram passadas pelos avós, pais, filhos e pelo povo que habita aquele lugar.

Enquanto produtora, vi união e parceria dentro do coletivo. Na montagem do cenário, feita completamente por elas, o cuidado era nítido. Checklist feito - percebi que checaram duas vezes o local da apresentação -, antes mesmo de falar elas já mostravam o cuidado e dedicação com cada detalhe que estava ao redor. O sentimento que fica é: quais são as histórias, lendas e regiões que ainda não conhecemos do Brasil? E quais são as histórias e lendas que estão ao nosso redor?

Expediente

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Arte gráfica

Luiza Lorenzetti

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Thiago Leite

João Fabbro

Colaboradores

Tadeu Renato

Arielle Barbosa (bolsista estagiária em Produção Cênica)

Camila Barbagallo

Camila Alomba

Vanuly Veloso

Thawanny Lopes

Lais Efstathiadis

Andressa da Silva Lima

Fotógrafos

João Maria

Kaio Alexandre (bolsista estagiário em Produção Cultural)

Leia também a [Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

**Esta publicação foi atualizada em 25/07 às 11h16*